

Sobre o telhado do **MUNDO PERDIDO**

texto ANDRÉ DIB

Subimos ao Monte Roraima e exploramos as inusitadas paisagens desse antiquíssimo tepui, para onde convergem as fronteiras do Brasil com a Venezuela e a Guiana. Pelo caminho – em rochas, fendas e gretas – colecionamos imagens de raros jardins naturais, exclusivos daquelas alturas



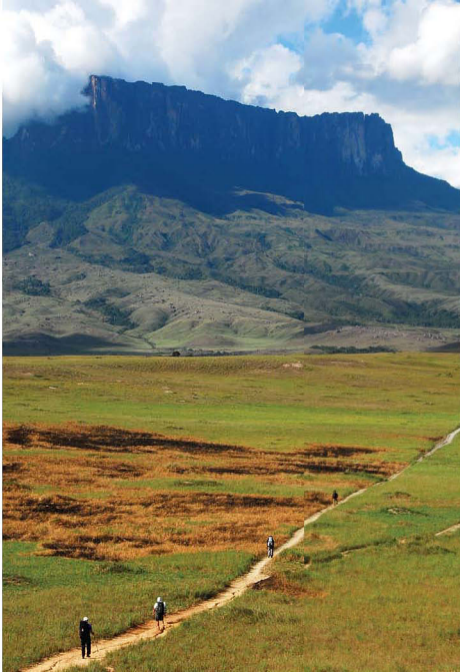


jipe avança pelo sinuoso caminho, cortando a Gran Sabana venezuelana. Os olhos alcançam as pequenas malocas cobertas de sapé. Então a planície se eleva abruptamente e, no horizonte, os tepuis se erguem, soberanos, determinando a paisagem. Nosso destino é o Monte Roraima. Para os indígenas, tepui significa grande montanha, e roraima quer dizer pedra ou serra verde azulada. Vamos em direção à 'grande montanha da serra verde azulada' e a primeira parada é na aldeia Paragtepuí.

Teodoro Pérez, índio de etnia pemón, despede-se dos quatro filhos, ficando cerca de 10 kg de mantimentos no seu guayaco, espécie de cesta usada como mochila. Ele é carregador há 15 anos e junto com o guia venezuelano León Tarala prepara-se para subir com nosso grupo. Sob o céu azul, a brisa fresca atenua o calor e marca o início da jornada. Pegamos a trilha e seguimos nosso caminho marcado pela vegetação baixa da Gran Sabana, bioma semelhante ao Cerrado do Centro-Oeste brasileiro com sua vegetação rasteira, pinçada pela cor negra do capim chamuscado. Aqui, as queimadas provocadas pelo pemón também são constantes e ajudam a empobrecer o solo.

Diante de nós, perenes e majestosas, estão dois grandes tepuis com seus topos apilados em forma de platô, duas muralhas de pedra gigantes, rompendo as nuvens em direção ao céu. "São montanhas gêmeas? O Monte Roraima é o pólo positivo e o Kukenán, o negativo", aponta Teodoro, mencionando uma expedição ao Kukenán em que os indígenas, sentindo a energia local, abandonaram a empreitada e deixaram os exploradores repentinamente. Perdidos naquela montanha maligna, nunca mais foram encontrados.

Acampamos às margens do rio Tek (pedra, na língua nativa). Aproveitamos para tomar banho nas pedras firmadas nos remanescentes do longo curso pedregoso do riacho,



após o primeiro trecho de 3 horas de caminhada tranquila. Acoramos sob um céu limpo e animador. A visão dos montes sem a espessa névoa que os envolve no dia anterior é um bom presságio. Retomamos a jornada, ansiosos por alcançar nosso destino. O segundo dia de caminhada começa após a travessia do rio Kukenán (água suja, em taupéana). É uma ladreira interminável, que aos poucos vai se acentuando. A extensão a

para além dos olhos humanos dá deméritos frutos.

Contrariando a vontade do que haviam orientado os pajés, tocaram naquela planta sagrada: os tepais dos pemóns tentaram cortar uma árvore para colher tais frutos, partiu-se em duas, derrubando-os em florestas inacessíveis. Derrubado jorrou tanta água que os campos, carregando todos os m

RUMBO AO TEPUÍ

Os Gran Sabana no topo do tepuí Roraima (à esquerda) são cheios de pedras, parte dela pelo labirinto de pedras negras



percorrer é menor, mas a subida dura é o único caminho a seguir.

Alcançamos o sapé do Monte Roraima ao entardecer. Já sem as pesadas botas, procuramos um local para o banho. A noite chega, envolvida num agradável bate-papo. Com o olhar tímido, Teodoro aquece a água para o chá, enquanto nos explica a cosmogonia pemón e a sua versão sobre a origem desse tepuí. De acordo com a lenda, as terras indígenas eram férteis, a caça abundante, e no lugar do Roraima havia uma grande árvore mitológica, projetando-se em direção ao céu

da terra e espantando os animais, então os pemóns foram obrigados nas terras estérís da savana a vir para ali, em forma de montanha. O topo da árvore cortada por seu ali, em forma de montanha, lembra aos indígenas essa época do passado. E até hoje, segundo a tradição, há límpagos simbólicos da natureza pela violação pelos ancestrais.

Ao amanhecer do terceiro dia, marcamos para o último trecho do sapé: a rampa do Roraima conectada. É um adiver no ser

Testemunhos em bloco

Os tepuis são montanhas remanescentes de uma bacia sedimentar muito antiga que faz parte do supercontinente Gondwana, formado pela África, América do Sul, Antártica, Arábia, Austrália, Índia e Nova Guiné. A bacia Rocaina, como é conhecida, formou-se há quase 2 bilhões de anos e desmembrou-se através dos movimentos das placas tectônicas há uns 200 milhões de anos.

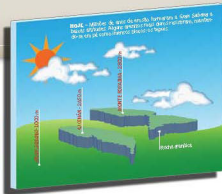
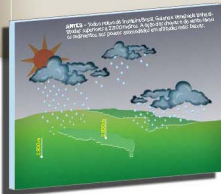
Bacias são formadas na superfície da Terra por processos geológicos, tendo suas depressões preenchidas por material sedimentar – areia, argila e cascalho – proveniente da erosão provocada por ventos e chuvas sobre as rochas da região. Este material é, então, retrabalhado por rios, mares, lagos e/ou ventos, que deixam marcas por meios das quais a história da bacia pode ser interpretada, no presente, pelo geólogo.

Os diversos tipos de rochas sedimentares revelam resistências diferentes aos processos erosivos. Os mais resistentes permanecem em pé, como testemunhos das eras geológicas, e os mais frágeis são

carreados para baixo, para o fundo dos vales, para o pé das montanhas. Na bacia Rocaina, os tepuis são testemunhos do abatimento de grandes áreas do continente sul-americano, embora também tenham sofrido e ainda sofrem modificações graduais, quer nas suas feições rochosas (formas de relevo), quer na paisagem.

Nos montes Rocaina e Kulenán, o arenito constitui a principal rocha, suficientemente resistente para manter, por milhares de anos, a imponente feição de seus paredões verticais. Esses arenitos são avermelhados, pois sofreram processos de oxidação (alteração de seus componentes minerais). Encontram-se também intercalados com outros tipos de rochas, inclusive vulcânicas, abrigando muitos veios de quartzo hidrino (transalúcido) e quartzo leitoso. E isso, além de embelezar o cenário, atrai muitos aventureiros.

Ao pé dos tepuis estende-se a Gran Sabana, uma espécie de cerrado de vegetação rala e arbustiva sobre o solo sedimentar lavado por milhões de anos de exposição aos contrastes do clima.



da palavra, projetando-se sobre o flanco da escarpada parede alaranjada. Trata-se da única via para o cume, um degrau formado pelo desmoronamento das camadas mais superficiais de arenito, compondo uma grande escada de pedras soltas. A alternativa foi descoberta pelo botânico inglês Everard Im Thurn, con-

sagrado como o primeiro a pisar no topo, em 1884, após muitas tentativas ao redor do tepui pelo primeiro europeu a chegar à base: foi Sir Walter Raleigh, em 1596). Os relatos de Im Thurn inspiraram o escritor Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes, a escrever O Mundo Perdido.

Venhamos o derivado de mil me-

tros em cerca de 4 horas. Chegamos ao cume sob uma fina chuva, simulando um clima sombrio e amesquado. Envolto naquela atmosfera brumosa, o topo da montanha nos recebe misterioso, suscitando sensações contraditórias e estimulando a imaginação diante de 'julgantes de pedra' que se espicham até as



nuvens. Como sentinelas metamórficas, aqueles mesmos rochedos testemunham o Período Jurássico e assistiram ao lento afastamento da América do Sul em relação à África, após a cisão do antigo super continente denominado Gondwana. O platô do Monte Rocaina tem 2.724 metros, conforme a última revisão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) feita em 2005. Da base ao topo, é composto por arenitos com mais de 2 bilhões de anos, sendo considerado, por muitos estudiosos, uma das formações mais antigas da crosta terrestre. O primitivo tepui sob nossos pés nos leva, definitivamente, a outra dimensão.

Caminhamos por entre labirintos de rochas negras, piniceladas por nuvens espessas e lívidas, até um abrigo de pedra

É preciso andar à beira de abismos para chegar à tríplice fronteira

chamado pelos índios de 'hotel'. As plantas firmam pequenos jardins, agarrados ao substrato por e e rala na superfície das rochas. São populações únicas de plantas carnívoras, orquídeas bromélias, muitas delas exclusivas daquele ambiente. Dalzamos as modulas no acampamento e vamos para a pedra Mavric, uma curiosa formação emergindo do platô, quem se a ponto culminante da montanha a 2.875

metros. Permanecemos assim por algum tempo, no teto daquele mundo perdido, olhando as nuvens do alto e invejando o vó das águas...

Dormir lá em cima e reacompostos pelo sono, partimos cedo por uma trilha pedregosa e escorregadia, mais uma vez envoltos pela névoa persistente. Seguimos em direção ao ponto tríplice, o marco que estabelece as divisas entre Brasil, Venezuela e Guiana. Andamos buscando encostas verticais, com abismos de 600 metros, sem qualquer noção de perspectiva. Então, num movimento repentino, a 'cortina' espessa e cinzenta se abre. A paisagem desnuda nos oferece a imensidão da Gran Sabana, lá embaixo, unindo de maneira harmônica o céu e a terra. O tepui gêmeo, Kulenán, trespass-

MONTANHAS DE ENDEMISMOS

Das 9411 plantas conhecidas do Estado das Guianas, 40% são espécies endêmicas, isto é, exclusivas daquela região. Se forem consideradas apenas as 2.322 plantas conhecidas que crescem no alto das tepuis, acima de 1.500 metros de altitude, esse percentual sobe para 65%. É um nível surpreendente, mesmo se compararmos ao Cerrado brasileiro, nosso bioma mais rico em endemismos vegetais, onde 4% das 20 mil espécies de plantas catalogadas ocorrem apenas ali e em nenhuma outra parte do mundo.

A explicação para tamanha riqueza botânica se divide entre o relevo e o tempo. As encostas são íngremes demais e as condições de clima e solo são muito diferentes em cada um dos imensos "degraus" para possibilitar a sobrevivência do mesmo tipo de planta de cima abaixo. As comunidades de plantas, portanto, são estratificadas. E como os tepuis são formações geológicas muito antigas, as comunidades de plantas de cada montanha também estão isoladas há muitos milhares de anos. Ou seja, evoluíram separadamente, sem cruzamentos, sem transferências de pólen, sementes ou mudas, seja pela via dos rios, do vento ou de coracora com os animais. Nem do topo de um tepui para o topo da montanha mais próxima, nem entre o topo e o sopé de um mesmo tepui.

É como se cada um daqueles "sentraéis" de rocha fosse uma ilha. E o resultado é um arranjo de flora diferente para cada montanha, com um grande número de plantas "fiéis" a um único tepui.



DESCANSO E PAZ
O hotel Costi, o Lago Galáys (acima) e leito de pedras vermelhas da caverna de Jazze (abaixo): presença da natureza



sa as ruínas, mostrando-se resoluta. Os nativos o chamam de Matawí, cujo significado é "Um bom lugar para morrer". Segundo Léó Tardá, nosso guia: "Quem sofra grandes derrotas, em suas brigas territoriais ou desilusões amorosas, precipitava-se em busca de serenidade".

Passamos por El Jesso, antigamente os depressão sobre o platô, com um grande e profundo poço embudido. Transpomos a triplíce fronteira e avencedamos por um caminho gasto e quase invisível, rumo ao Inexplorado. Pisamos em terreno pouco percorrido, já que a maioria das pessoas volta a partir do marco. A vegetação se adensa, entramos em terreno quase secreto e, já no lado brasileiro, chegamos ao "hotel" Costi, uma gruta onde fixamos acampamento. É

uma caverna singular, esculpida pela água e pelo vento, que ficam sulcando pacientemente as paredes e compondo formas diversas na rocha frável.

Chegará, enfim, o dia de atingir o outro extremo do Monte Roraima e objetivo final da viagem: a chamada Proa Norte. Em sua arquitetura eccentrica, forjada por milhões de anos, o tepui termina, ao Norte, com uma incrível saliência ponti aguda, semelhante à proa de um barco, de onde vem o nome. Com uma seqüência impressionante de grandes rochas e algumas gretas profundas, essa face é quase inacessível. Mesmo depois de conquistado o caminho ao topo, ainda levou quase um século para exploradores e aventureiros atingirem tal ponto. A façanha foi realizada em 1973

por uma equipe de alpinistas britânicos, liderados por Joe Brown.

Seguimos contornando o labirinto negro, até uma grande campina alagadiça de vegetação baixa, ornamentada por rubras e endêmicas plantas subúvivas (*Bonnetia roseana*). Logo após percorrermos um vasto jardim lamacento até atingir uma grande laje de pedra, onde fica a plácida nascente do rio Cotinga. Daquela altura - mais de 500 metros do degrau mais próximo - as águas se precipitam montanha abaixo, ganhando pequenos afluentes e incorporando-se na selva, lá embaixo, até se unir ao rio Branco e ajudar a compor a grande bacia do Amazonas. Cú em cima,



